

BitMarias: Autogestão e Longevidade de uma Iniciativa para Fortalecimento de Graduandas em Computação

Isabela Acosta Rodrigues¹, Luize Baldoni de Oliveira¹, Nathália de Almeida Zófoli²,
Andrea Schwertner Charão³, Rutinéia Tassi³

¹ Curso de Engenharia de Computação – Centro de Tecnologia
Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria, RS, Brasil

² Curso de Sistemas de Informação – Centro de Tecnologia
Universidade Federal de Santa Maria

³ Centro de Tecnologia
Universidade Federal de Santa Maria

{isabela.acosta, oliveira.luize, nathalia.almeida}@acad.ufsm.br,
andrea@inf.ufsm.br, ruti@ufsm.br

Abstract. *This article presents an initiative created in 2019 by undergraduate Computing students at the Federal University of Santa Maria, Camobi campus, RS, Brazil and sustained for more than six years. Emerging in a context marked by the underrepresentation of women, the initiative was created to address recurring challenges faced by women in the field. Self-managed, the group promotes networking and support actions aimed at strengthening ties, expanding networks, and fostering persistence. The records of the initiative's trajectory indicate to the consolidation of an intergenerational network that has endured despite adversity, highlighting the strength of self-organization and the central role of relationships in sustaining the initiative.*

Resumo. *Este artigo apresenta uma iniciativa criada em 2019 por estudantes de graduação da área de Computação da Universidade Federal de Santa Maria, campus Camobi - RS e mantida ativa há mais de seis anos. Inserida em um contexto marcado pela sub-representação feminina, a iniciativa surgiu para enfrentar desafios recorrentes vivenciados por mulheres na área. Autogerido, o grupo desenvolve ações de articulação e apoio voltadas ao fortalecimento de vínculos, à ampliação de redes e à promoção da permanência. Os registros da trajetória indicam a consolidação de uma rede intergeracional que se desenvolveu mesmo diante de adversidades, destacando a força da auto-organização e do foco nas relações com base para sustentação da iniciativa.*

1. Introdução

A participação feminina na área de Computação tem sido historicamente marcada por barreiras estruturais que limitaram sua presença ao longo das décadas. Embora mulheres tenham desempenhado papéis fundamentais no desenvolvimento inicial da área, a exemplo de Ada Lovelace, reconhecida por desenvolver o primeiro algoritmo a ser processado pela Máquina Analítica no século XIX, observa-se atualmente uma significativa sub-representação feminina na Computação.

Esse panorama evidencia-se ao observar a análise da participação das mulheres no setor de tecnologia no Brasil. Com base nos dados do Novo Cadastro Geral (Novo CAGED) [Brasil 2024], verifica-se que, mesmo com o aumento das admissões femininas na área de tecnologia, a representatividade das mulheres permaneceu abaixo de 23%. Além disso, observa-se que o crescimento das admissões femininas vem acompanhado de maiores taxas proporcionais de desligamento, o que aponta para desafios relacionados à permanência e à ascensão profissional feminina na área [Silva and Gonçalves 2025]. Ainda, segundo [Oliveira 2022], essa ausência de representação em cargos de tecnologia dificulta o interesse de mais meninas no ramo suscitando na lacuna entre homens e mulheres.

Dados institucionais referentes ao ano de 2025 [Instituição Anônima 2026], demonstram a disparidade de gênero em áreas STEAM (*Science, Technology, Engineering, Arts and Mathematics*), onde o número de homens matriculados é significativamente superior ao de mulheres. No curso de Engenharia de Computação da Universidade Federal de Santa Maria [Coordenação do Curso de Engenharia de Computação, UFSM 2026], desde sua criação em 2009, observa-se uma diferença superior ao dobro no número de estudantes do sexo masculino em comparação ao feminino, evidenciando a sub-representação das mulheres na área. Tal cenário, que se estende por muitos anos, reforça que, apesar dos avanços sociais, o ingresso e a permanência feminina nas áreas tecnológicas ainda enfrentam barreiras estruturais.

Diante desse panorama marcado por desigualdade estrutural, isolamento e necessidade de pertencimento, surgiu em 2019 na Universidade Federal de Santa Maria o grupo BitMarias, uma iniciativa protagonizada por estudantes e direcionada às próprias estudantes. O grupo materializa uma rede de apoio e configura-se como uma resposta concreta da comunidade acadêmica aos desafios enfrentados pelas mulheres na Computação. Baseado na autogestão e na colaboração entre estudantes, o BitMarias mantém suas atividades de maneira contínua, permanecendo ativo mesmo após suas fundadoras terem concluído o curso, demonstrando a consolidação de uma rede de apoio voltada ao fortalecimento da presença feminina na área que envolve os cursos de Engenharia de Computação, Sistemas de Computação e Ciência da Computação. Esse tipo de organização se aproxima do conceito de comunidades de prática, proposto por [Wenger 1998], na medida em que articula engajamento mútuo, construções coletivas e socialização de experiências ligadas à formação e à permanência na área de Computação.

O BitMarias soma-se a uma rede de iniciativas consolidadas no Brasil, como o programa Meninas Digitais [SBC 2026] institucionalizado pela Sociedade Brasileira de Computação (SBC) e o projeto de extensão da UFRJ, Minerv@s Digitais [da F. Galeno et al. 2020], que buscam diminuir a lacuna de gênero através de acolhimento e mentoria. Tais projetos reforçam a importância de criar ambientes seguros, onde a troca de experiências mitigue o isolamento social frequentemente sentido por mulheres em cursos de exatas. Contudo, para além do acolhimento institucional, emergem iniciativas de autogestão tecnológica que buscam promover a segurança e o cuidado digital. É o caso da organização feminista brasileira sem fins lucrativos, MariaLab [MariaLab 2024], a qual tem se baseado em 3 que incluem a prevenção, o acolhimento e autonomia, focando em segurança digital de pequenas organizações defensoras de direitos humanos e apoio a outros projetos autônomos. Essa articulação entre técnica e política é fundamental

para compreender as novas formas de resistência digital e a construção de infraestruturas feministas de cuidado [Leitão 2022]. Além das iniciativas brasileiras, diversos projetos internacionais têm sido desenvolvidos com o objetivo de ampliar a participação feminina em áreas tecnológicas, como a network RedeEuLES, vinculada à universidade de Zaragoza que têm criado iniciativas como “WikiInformática! en Aragón”, concurso que incentiva a pesquisa de mulheres notáveis na tecnologia e “Women in STEM by EuLES” que reúne depoimentos de mulheres que trabalham ou estudam em áreas STEAM através de entrevistas em vídeo [Allueva-Pinilla et al. 2019].

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo apresentar a trajetória do grupo BitMarias. A partir da descrição das atividades desenvolvidas e da discussão de seus desdobramentos, o artigo analisa o papel de iniciativas estudantis no fortalecimento do pertencimento e na permanência feminina na área de tecnologia. Este artigo organiza-se em cinco seções. A Seção 2 discute a questão da desigualdade em STEAM e a relevância das redes de apoio. A Seção 3 descreve a trajetória do grupo BitMarias, desde a sua criação em 2019 até sua configuração atual. A Seção 4 apresenta indicadores de engajamento e uma leitura qualitativa da auto-organização do grupo BitMarias. Por fim, a Seção 5 apresenta considerações sobre as lições aprendidas ao longo da iniciativa.

2. Fundamentação Teórica

Historicamente, as áreas STEAM enfrentam um fenômeno estrutural de desigualdade de gênero, persistente ao longo dos anos, apesar do aumento gradual da participação feminina no ensino superior e técnico. Em relatório técnico voltado a países latino-americanos, publicado em 2022, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* – UNESCO) destaca o fenômeno denominado de “Teto de vidro”. Este fenômeno é descrito como um conjunto de barreiras invisíveis que limitam o avanço das mulheres a cargos de alta liderança em STEAM. Essa estrutura de impedimentos resulta no “Efeito Tesoura”, também detalhado no documento, que ilustra a evasão feminina progressiva ao longo da carreira, ocasionando a ausência de protagonismo do gênero nessas áreas [Bello and Estébanez 2022].

Como estratégia para combater esse cenário, redes de apoio podem favorecer o pertencimento e permanência. Iniciativas como grupos de estudo, eventos, *workshops* e redes digitais oferecem um espaço de apoio, troca de conhecimento e experiência entre mulheres, resultando em ambientes livres de julgamentos e da pressão competitiva muitas vezes presente em ambientes masculinos [Tolio et al. 2025, Maestri 2019]. Esses espaços amigáveis configuram uma estratégia eficaz para aumentar o sentimento de pertencimento das mulheres dentro dos cursos STEAM [Soares et al. 2025]. Ao funcionarem como “espelho”, onde veteranas e colegas em sucesso são vistas como inspiração e motivação na carreira, fazem com que novas gerações de estudantes acreditem que seja possível obter sucesso e espaços na área, constituindo assim, estratégias de resistência e suporte feminino fundamentais para preencher a lacuna de gênero.

No contexto acadêmico brasileiro, esse suporte é fundamental para atenuar o isolamento relatado frequentemente por mulheres em cursos técnicos e superior, que se sentem subjugadas em ambientes predominantemente masculinos [Soares et al. 2025]. Dessa forma, ações afirmativas e redes de apoio que ampliem o sentimento de pertencimento podem contribuir na permanência de estudantes em áreas STEM [Cheryan et al. 2015].

Uma pesquisa realizada no Centro de Tecnologia da Universidade Federal de Santa Maria, revelou que 46,15% das mulheres entrevistadas já sofreram discriminação de gênero em atividades em grupo acadêmicas, enquanto entre os homens, apenas 0,39% relataram algum tipo de discriminação. O estudo também aponta a escassez de representatividade feminina no corpo docente: quase 20% das estudantes afirmam não haver professoras na graduação e o restante aponta conviver apenas com uma ou duas docentes mulheres ao longo da graduação [Tolio et al. 2025]. Também foi revelado que 84,61% das entrevistadas manifestaram níveis de discordância ou neutralidade quanto à eficiência das políticas institucionais de igualdade de gênero, reforçando que as estratégias formalizadas não tem alcançado o público-alvo, e que as redes de apoio tornam-se fundamentais para fomentar a participação feminina.

3. Trajetória do Grupo BitMarias

A iniciativa desenvolve-se em uma universidade pública federal, localizada no interior do Estado do Rio Grande do Sul, contando com aproximadamente 20.000 estudantes de graduação. Os cursos de Ciência da Computação, Sistemas de Informação e Engenharia de Computação possuem trajetória consolidada, com oferta regular de vagas e sucessivas turmas formadas. Ainda assim, mantêm histórico de sub-representação feminina, refletindo um padrão observado em cursos da área tecnológica no país.

3.1. Criação

Os primeiros passos rumo à criação do grupo BitMarias foram fruto das experiências de uma de suas idealizadoras durante sua trajetória acadêmica. Ao participar de eventos de caráter científico, teve contato com iniciativas voltadas ao fomento da inclusão e permanência de mulheres na área da Computação, identificando necessidades afins em sua universidade de origem. Inspirada por essas vivências, a graduanda de Ciência da Computação realizou uma enquete, a fim de conhecer o interesse de outras mulheres na formação de um grupo local.

Desse modo, em 2019, ocorreram os primeiros encontros com as interessadas, marcando o início de um grupo autônomo de estudantes mulheres de Computação. A partir do compartilhamento de vivências comuns, foram elencados os obstáculos enfrentados pelo gênero feminino e, conseqüentemente, elaboradas ações que as integrantes julgaram pertinentes como intervenção a esses problemas. Nesse sentido, [Hooks 2013] ressalta a importância das narrativas pessoais de grupos socialmente minoritários como meio de construção de novas jornadas teóricas e práticas transformadoras no campo da educação.

Alguns dos principais problemas percebidos pelas acadêmicas incluíram o baixo número de matrículas de mulheres nos cursos de Computação da universidade, além da dificuldade de permanência dessas mulheres na graduação. Houve a concordância de que a troca compartilhada e a identificação com colegas do gênero feminino servem como motivador tanto para a inserção quanto para a continuidade das mulheres no campo da Computação. O grupo, portanto, agiu como rede de apoio e como ferramenta de visibilidade para alcançar esses objetivos.

Corroborando com o caráter coletivo e de co-gestão do qual se origina, é realizada uma reunião para, em conjunto, consolidar o batismo do grupo, denominado BitMarias. Como ações iniciais, foi criado um grupo no WhatsApp e perfil no Instagram. Também

houve a participação em um evento, ainda em 2019, de divulgação dos cursos da universidade, com foco em estudantes do Ensino Médio; e a elaboração de um curso de Lógica e Programação para meninas em uma escola municipal de Ensino Fundamental. Além disso, foram promovidos encontros de natureza integradora e de troca sobre questões da área entre as integrantes, ao longo do semestre letivo. Até o início de 2020, cerca de 30 mulheres integravam o grupo, incluindo discentes e professoras apoiadoras, o que rendeu uma reportagem veiculada pelos meios de comunicação oficiais da instituição, destacando a relevância da iniciativa.

3.2. Pandemia

No ano seguinte ao início das atividades do grupo, a pandemia de COVID-19 alterou profundamente as relações sociais e institucionais, produzindo impactos que se fizeram sentir em praticamente todas as esferas de atividade humana. Na Educação Superior, a suspensão das atividades presenciais impôs desafios significativos tanto às atividades curriculares como às ações complementares, mas também abriu espaço para sua reorganização e reinvenção.

Nesse contexto, as integrantes vivenciaram um período de dispersão não apenas física e geográfica, em razão do isolamento social, mas também “lógica”, acompanhando os fluxos próprios da educação superior (recém-graduadas, estudantes em intercâmbio, novas ingressantes e outras transições acadêmicas). As redes sociais criadas no ano anterior, especialmente o WhatsApp, mostraram-se determinantes para a continuidade da iniciativa, funcionando como espaço de articulação e preservação dos vínculos.

Após um período inicial de inatividade, parte das integrantes manifestou interesse em desenvolver ações que contribuíssem para mitigar os impactos da pandemia, também como forma de diversificar atividades e manter a motivação durante o confinamento. Em parceria com um programa extensionista na área de Educação em Computação, que passou a ofertar oficinas on-line para estudantes do Ensino Médio, foi concebida, em meados de 2020, uma oficina de programação destinada exclusivamente a meninas.

A equipe responsável foi composta por três integrantes do grupo, sendo uma recém-graduada e duas graduandas em Ciência da Computação e Sistemas de Informação. A oficina alternou atividades síncronas e assíncronas, realizadas por meio da plataforma Discord, com dois encontros semanais de aproximadamente duas horas, complementados por interações via chat. Inicialmente, foram utilizadas linguagens visuais, com tutoriais da plataforma Code.org, seguidas por introdução à programação textual em JavaScript, com apoio de materiais da Khan Academy.

A divulgação ocorreu principalmente por meio de redes sociais e dos contatos do programa parceiro, com apoio da Coordenadoria Regional de Educação. A ação contou com 57 inscritas, estudantes de Ensino Médio provenientes de 10 municípios e 26 escolas da Rede Estadual. Ao longo das atividades, as organizadoras atuaram como mediadoras e apoiadoras, uma vez que o material adotado era, em grande parte, autoexplicativo. Observou-se progressão das participantes na resolução dos desafios propostos, bem como interação frequente durante e fora dos encontros síncronos. Embora nem todas tenham participado de todas as atividades, 10 alunas permaneceram ativas até o encerramento.

Ainda que a ação tenha se deslocado do público originalmente prioritário do grupo, sua realização contribuiu para manter o engajamento e a resiliência das integrantes

durante o período de ensino remoto emergencial. Em 2021, com as atividades presenciais ainda suspensas, o grupo manteve-se ativo principalmente por meio do WhatsApp e do Instagram, divulgando eventos on-line e oportunidades de projetos.

3.3. Pós-pandemia

O retorno às atividades presenciais na instituição ocorreu em 2022. Esse momento marcante mobilizou integrantes do grupo a discutir e articular ações que eram inviáveis durante a pandemia.

Uma importante ação do grupo nesse momento foi a interlocução com uma coordenação de curso para apresentação do grupo a calouros. A equipe que liderou esta ação contou com uma recém-graduada durante a pandemia e duas estudantes que ingressaram em seus cursos também na pandemia, o que revela uma manutenção marcante de vínculo e conexões entre gerações de integrantes do grupo. Na apresentação para calouros, destacou-se não só a existência e propósito do grupo, mas também a experiência e realizações de suas integrantes, incluindo dicas para uma busca de equilíbrio na vida universitária. Foi a primeira ação do grupo voltada para estudantes de todos os gêneros.

Outra ação, visando o fortalecimento do vínculo entre as integrantes do grupo, foi a organização de um piquenique. Algumas estudantes que só tinham contato pelo WhatsApp puderam se conhecer presencialmente e compartilhar suas histórias e experiências. Para reafirmar o vínculo com a Computação, foi realizado um *quiz* sobre personalidades femininas e fatos históricos em Computação, com distribuição de brindes custeados pelas organizadoras. Além do caráter integrador, esse tipo de ação contribui para fortalecer a rede de apoio, tanto para manutenção de vínculos como para motivar novas ações.

Também na linha de apoio mútuo, foi articulado junto à instituição a alocação de um armário compartilhado, com cadeado e senha de conhecimento das integrantes do grupo, para manter principalmente itens de higiene que poderiam ser úteis em dias agitados da vida universitária. Esta ação de sororidade reafirma a presença feminina nos espaços.

Com o grupo mobilizado, em 2023 algumas integrantes tomaram a iniciativa de buscar sua formalização, comunicando formalmente sua existência junto a Colegiados de cursos e articulando junto a professoras a criação de um registro institucional. Com isso, as estudantes que assim o desejassem poderiam solicitar sua vinculação formal ao projeto, para fins comprobatórios.

3.4. Dias atuais

Já com o grupo registrado institucionalmente, uma ação importante foi a articulação de um espaço para o grupo na programação de uma Semana Acadêmica, organizada por estudantes, realizada em outubro de 2023. Para este evento, foi convidada uma das egressas fundadoras do grupo, doutoranda no exterior em visita ao Brasil, para ministrar uma palestra sobre suas pesquisas na área de Computação de Alto Desempenho. Na ocasião, a pesquisadora compartilhou sua trajetória como graduanda em Ciência da Computação, iniciada em 2015, destacando como sua formação acadêmica e experiências contribuíram para a idealização do grupo BitMarias. Também relatou que, posteriormente, essa iniciativa também impulsionou a co-fundação de uma comunidade brasileira na área de tecnologia, denominada Brazilians in Tech. Em sua palestra, a egressa destacou os desafios em

ser uma mulher em uma área majoritariamente masculina e a importância de grupos que incentivem o empoderamento feminino na tecnologia.

Mais adiante, em vista da conclusão do curso pelas estudantes que tinham assumido uma liderança da iniciativa, houve um movimento para sensibilizar outras participantes, através do grupo de WhatsApp, a assumirem a frente das atividades e manter o projeto ativo. Em 2025, três alunas manifestaram interesse, e realizaram uma reunião presencial com outras integrantes, para discutir ideias acerca do projeto e planejar ações para o segundo semestre de 2025. Dentre as necessidades observadas, constatou-se que muitas estudantes dentro da universidade ainda não conheciam o grupo e seus objetivos.

Desse modo, o planejamento priorizou atividades que aproximassem as integrantes e contribuíssem para a disseminação de informações sobre o BitMarias. Inicialmente, foi realizada uma roda de conversa, chamada “Mulheres na Computação: em quantas estamos?”. Nesse momento, foram compartilhadas percepções sobre a construção do grupo até os dias atuais, possibilidades de intervenção e ideias para ampliar o alcance do projeto.

Primeiramente, foi reconhecida a importância de aproximar mulheres dos cursos de Engenharia, especialmente da Engenharia de Computação, do qual o grupo tinha pouco alcance. Como a iniciativa partiu de estudantes majoritariamente de Ciência da Computação e Sistemas de Informação, que compartilham poucas disciplinas em comum com as Engenharias, além da característica autônoma e auto-dirigida que favorecia o contato “uma-a-uma”, as ações desenvolvidas pelo BitMarias não chegavam até as discentes desses cursos. Em certa medida, essa percepção dialoga com o desejo das novas lideranças do projeto, no sentido de expandir a visibilidade do grupo e fortalecer o convívio e apoio entre elas.

Em paralelo, uma das egressas da instituição, ainda participante do grupo, mudou-se para um município de outro estado e passou a compor a ONG WoMakersCode, cujo objetivo é empoderar mulheres através de cursos, mentorias e apoio no mercado de tecnologia. Buscando ampliar seu alcance para outros estados do Brasil, a egressa contactou o grupo BitMarias e, através disso, o grupo tornou-se *Local Partner* da ONG, somando forças para alcançar o propósito comum de fomentar a diversidade no mercado tecnológico e apoiar mulheres nessa trajetória.

Como primeira ação envolvendo a parceria, em setembro de 2025, foi realizada uma palestra online sobre diferentes áreas de atuação em tecnologia. As palestrantes foram uma analista de dados, egressa da UFSM, e uma estagiária em Engenharia de Software e voluntária na ONG WoMakersCode. Houve a adesão de 15 pessoas e *feedback* positivo das participantes, que se sentiram à vontade para fazer questionamentos e realizar trocas sobre a inserção nessas áreas de trabalho.

Posteriormente, em novembro, o grupo apoiou novamente a organização da Semana Acadêmica da área na universidade, incluindo, em sua programação, dois momentos de divulgação das ações do grupo BitMarias, seguidos de uma palestra com mulheres assumindo posições profissionais relevantes na área. A primeira delas, estudante de Sistemas de Informação, ministrou uma palestra referente à sua trajetória profissional até obter o cargo de Engenheira de Software em uma startup estadunidense. O segundo momento foi conduzido por uma egressa de Engenharia de Computação e Técnica em Química, que apresentou uma palestra comentando sobre sua trajetória acadêmica e profissional,

incluindo os desafios enfrentados como uma mulher na graduação de Engenharia de Computação. Foram discutidas situações de desrespeito e barreiras institucionais, bem como estratégias de superação e desenvolvimento de carreira. A palestra proporcionou um momento de reflexão sobre os desafios diários e a importância de grupos como o Bit-Marias para que situações de discriminação jamais sejam normalizadas. Além disso, destacou que, apesar das dificuldades enfrentadas, há sempre a possibilidade de superação, simbolizando uma “luz no fim do túnel”.

Por fim, foi utilizado o grupo no WhatsApp e no perfil do Instagram para divulgar oportunidades de cursos, bolsas e atividades diversas, além das ações realizadas pela ONG WoMakersCode ao longo do semestre. As atividades realizadas cumpriram seu papel de divulgação, com novas discentes ingressando no grupo de WhatsApp imediatamente após os eventos, o que sugere interesse por espaços de troca e acolhimento entre mulheres na universidade.

4. Avaliação e Resultados

Considerando que o grupo surgiu como uma iniciativa de apoio e fortalecimento entre estudantes, de caráter informal e sem a definição prévia de metas institucionais ou procedimentos metodológicos, analisamos sua trajetória sob uma perspectiva predominantemente qualitativa, orientada pela compreensão dos processos, vínculos e desdobramentos produzidos ao longo de sua consolidação. Sempre que possível, trazemos também alguns quantitativos que complementam a análise.

O grupo acumula seis anos de atividade, partindo do zero e sobrevivendo à pandemia até os dias atuais, demonstrando resiliência entre as integrantes para se reinventar a cada novo ciclo. Inspirado em iniciativas similares internacionais e nacionais, o grupo soube traduzir a motivação em ações concretas e em um processo que fazia sentido para as participantes.

Um aspecto relevante na trajetória do grupo é o processo de sucessão a cada novo ciclo e principalmente após as fundadoras, que sugere reconhecimento do grupo e uma institucionalização orgânica do espaço no cenário acadêmico. A estrutura de auto-organização permitiu o surgimento de lideranças informais, sempre apoiado no respeito às individualidades e estilos de gestão das integrantes. A ausência de pressão, cobranças e metas externas funciona como um diferencial, em contraste com as demais atividades acadêmicas, que possuem prazos e estruturas institucionais formalizadas. O engajamento do grupo é movido pelo desejo de colaboração, fomentando a autonomia das estudantes a frente do projeto. Esta autonomia tornou-se possível devido o apoio e interlocução de professoras permanentes, que adotam o papel de facilitadoras e de “não-intervenção”, a fim de promover o protagonismo e metas das próprias estudantes.

Em 26 de fevereiro de 2026, o grupo no WhatsApp, iniciado em 4 de maio de 2019, conta com 115 mulheres membros, sendo 55 acadêmicas de diferentes níveis de ensino da instituição, e tem funcionado como um espaço de escuta e compartilhamento de experiências acadêmicas e profissionais. Em relação ao Instagram, o grupo possui uma página com 498 seguidores, que é utilizada majoritariamente para divulgação das atividades promovidas pelas integrantes. Embora exista o desejo de dar mais visibilidade ao projeto através das mídias sociais, a criação de conteúdo demanda tempo que, muitas vezes, não é conciliável com as demandas acadêmicas e demais ações promovidas pelo

grupo.

As parcerias dentro e fora da universidade, consolidadas através do programa de *Local Partners* da WoMakersCode e das relações com egressas da universidade, também demonstram que, mesmo após a conclusão da graduação, as mulheres mantêm vínculo com o grupo e investem na continuidade do mesmo. Pode-se inferir, a partir dessa permanência nas ações grupais, a experiência exitosa de se constituir como espaço acolhedor no qual as mulheres têm o desejo de permanecer e construir novas relações, apesar da conclusão da graduação e mesmo da distância geográfica.

A partir desse apanhado, observa-se o amadurecimento da iniciativa, que tomou corpo e desenvolveu parcerias também fora da universidade. Por outro lado, em contraste com projetos de pesquisa ou ações institucionalmente coordenadas, observa-se a ausência de uma definição de metas claras e um planejamento formalizado, norteando o trabalho de forma a obter indicadores confiáveis e uma análise mais profunda de seu impacto perante o ingresso e permanência de mulheres na universidade.

5. Considerações Finais

A trajetória relatada indica que iniciativas de apoio entre estudantes podem se sustentar ao longo do tempo, mesmo na ausência de institucionalização formal e metas previamente definidas. No caso apresentado, a continuidade do grupo esteve menos associada a resultados mensuráveis e mais vinculada à manutenção de vínculos, à renovação geracional e à construção de um espaço de troca. Essa característica, longe de representar fragilidade, constituiu um fator de permanência da iniciativa ao longo de diferentes ciclos acadêmicos e contextos adversos, incluindo o período de isolamento social durante a pandemia.

A experiência também sugere que, nesse contexto marcado por desigualdade de gênero nas áreas de Computação e Engenharias, a construção de pertencimento foi condição importante para o engajamento e continuidade. Antes de produzir indicadores acadêmicos ou profissionais, o grupo operou como espaço de escuta, compartilhamento e validação de trajetórias. Ao longo do tempo, esse suporte relacional se traduziu em permanência na área, no surgimento de novos papéis de liderança e na ampliação do escopo de atuação do grupo, resultando na consolidação de uma rede que atravessou diferentes momentos.

Ao mesmo tempo, a experiência não esteve isenta de dificuldades. A natureza voluntária da participação implica oscilações de engajamento, desafios na preservação da memória institucional e dependência da disposição das integrantes em assumir responsabilidades. Tais aspectos apontam limites estruturais de iniciativas horizontais e reforçam a necessidade de reflexão contínua sobre mecanismos de continuidade que, ao mesmo tempo, não comprometam seu caráter autogerido.

Como contribuição para o debate no âmbito das iniciativas voltadas à participação de mulheres em tecnologia, este relato aponta para a relevância de reconhecer e valorizar formas de organização que escapam a modelos tradicionais de projeto. Redes de apoio informais, lideradas por estudantes e sustentadas por vínculos, podem desempenhar papel central na construção de pertencimento e na permanência feminina nas áreas tecnológicas. Tornar visíveis essas experiências é também reconhecer que transformação institucional pode emergir de práticas cotidianas, construídas coletivamente, antes mesmo de sua formalização acadêmica.

Uso de Inteligência Artificial

Na redação deste artigo, foram utilizadas as ferramentas de inteligência artificial generativa ChatGPT (versão 5.2) e Gemini 3, exclusivamente para apoio à revisão linguística e ao refinamento da redação, a partir de conteúdo originalmente elaborado pelas autoras.

Referências

- Allueva-Pinilla, A. I., Alejandro-Marco, J. L., Lozano Albalade, M. T., Trillo-Lado, R., Ilarri-Artigas, S., Sánchez-Azqueta, C., Fuentes-Broto, L., Bayarri-Fernández, S., e Aldea-Chagoyen, C. (2019). Projects to encourage female students in STEM areas. In *5th International Conference on Higher Education Advances (HEAd'19)*. Universitat Politècnica de València, València.
- Bello, A. e Estébanez, M. E. (2022). Uma equação desequilibrada: Aumentar a participação das mulheres na STEM na LAC. Technical report, Escritório Regional da UNESCO para a Ciência na América Latina e Caribe, Montevideu.
- Brasil (2024). O que é o Novo Caged? Portal do Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (PDET).
- Cheryan, S., Ziegler, S. A., Montoya, A. K., e Jiang, L. (2015). Why are some STEM fields more gender balanced than others? *Psychological Bulletin*, 143(1):1–35.
- Coordenação do Curso de Engenharia de Computação, UFSM (2026). Dados institucionais de matrícula e evasão do curso de graduação. Dados não públicos fornecidos pela coordenação do curso de graduação da UFSM, Universidade Federal de Santa Maria, acesso restrito.
- da F. Galeno, L. M., Lucena, M. E. H., da S. Lima, T., e Campos, M. L. M. (2020). Minerv@s digitais: encorajando e acolhendo mulheres na Computação. In *Anais do XIV Women in Information Technology (WIT 2020)*, pages 181–185, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Hooks, B. (2013). *Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade*. Martins Fontes, São Paulo.
- Instituição Anônima (2026). Dados institucionais fornecidos para análise de ingresso e evasão acadêmica. Dados Públicos.
- Leitão, G. N. d. V. (2022). Costuras entre feminismos e tecnologias: uma etnografia da coletiva hacker feminista MariaLab. Mestrado em antropologia social, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP.
- Maestri, D. S. (2019). UX design, gênero e tecnologia: a mídia do conhecimento como instrumento para inclusão de mulheres. In *Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) - Universidade Federal de Santa Catarina*, Florianópolis, SC.
- MariaLab (2024). MariaLab: Gênero, política e tecnologias. Acesso em: 5 mar. 2026.
- Oliveira, C. M. A. M. (2022). Mulheres nas organizações brasileiras: uma análise dos fatores que impulsionam e desafiam a equidade de gênero na área de Tecnologia da Informação. Dissertação (Mestrado Profissional MPGC), Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

- SBC (2026). Meninas digitais: iniciativa nacional da Sociedade Brasileira de Computação para incentivar a participação feminina em Computação. <https://meninas.sbc.org.br/>. Acesso em: 03 mar. 2026.
- Silva, I. M. d. e Gonçalves, W. M. C. d. M. (2025). A mulher na TI: uma análise do comportamento de sua participação no mercado de trabalho no Brasil para os anos 2020 a 2024. *RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar*, 6(7).
- Soares, A. C. B., Puntel, A. L., da Cruz de Souza, B., Knob, R. M., e Pavanello, A. B. (2025). Percepção do acesso de mulheres à ciência no meio acadêmico do Centro de Tecnologia da Universidade Federal de Santa Maria - Campus Camobi. In *Anais do 48° Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)*, Vitória, ES.
- Tolio, R. P., dos Santos, I. P., Daltrozo, J. G., e Gabriel, E. (2025). Panorama da presença feminina nos cursos de graduação do centro de tecnologia da universidade federal de santa maria. *Revista de Ensino de Engenharia*, 44:354–370.
- Wenger, E. (1998). *Communities of Practice: Learning, Meaning, and Identity*. Cambridge University Press, Cambridge.